



How to cite this document:

Como citar este documento:

Mota, B., Pinheiro, C. S. & Silva, G. (2020). O prefácio do *Tratado breve sobre a natureza e as causas da peste de Hamburgo de 1596*. Retrieved from <https://projectgynecia.uma.pt/output/>.

Forthcoming:

A publicar em:

Rodrigo de Castro Lusitano, *Tratado breve sobre a natureza e as causas da peste de Hamburgo de 1596*, (edição, introdução, tradução e notas de B. Mota, C. Pinheiro & G. Silva, prefácio de Jon Arrizabalaga).

**Tratado breve
sobre a natureza e as causas da peste que, neste
ano de 1596, assolou a cidade
de Hamburgo.**

Nele se mostra, de forma sucinta, mas exacta,
na presente enfermidade, que método de prevenção e de cura
se deve observar,

para que tanto a cidade no seu todo como cada um possa,
do mal nascente, preservar-se, e, depois,
a pernície já ocupante, mais facilmente,
rechaçar.

E ainda muitas coisas nesta matéria até agora difíceis de entender
são explicadas de passagem

por

Rodrigo de Castro, Doutor
em Filosofia e em Medicina.

Ao muito amplo e esplêndido Senado
desta mesma cidade.

Em Hamburgo,
Impresso por Jakob Lucius Junior. No ano de
1596.



**À amplíssima e esplendidíssima Ordem Senatorial, à excelentíssima República de Hamburgo,
aos seus venerabilíssimos Senhores,**

**Rodrigo de Castro, Doutor em Filosofia e Medicina,
endereça os maiores cumprimentos.**

O sábio, diz o Filósofo, é aquele que, interrogado sobre as matérias de que tem conhecimento, diz a verdade. Ora eu, esplendidíssimos Varões e Senhores reverendíssimos, ainda que dê informações verdadeiras e úteis, parecerei provavelmente menos sábio, por falar sem ter sido interrogado. No entanto, é suficientemente interrogado aquele que é obrigado a falar por dever, quando a isso o impelem, acima de tudo, o amor à República e a mais alta consideração para com o seu Magistrado, para quem não duvidamos de que este nosso estudo há-de ser grato e estimado, como pessoa a quem nada, alguma vez, foi mais importante do que conservar a segurança dos seus cidadãos, e o desenvolvimento e a dignidade da florescentíssima República.

Bem conheceis o famoso dito de Platão no livro 2 de *As leis* - que são três os bens mais procurados pelos indivíduos: a saúde, a beleza distinta e a riqueza adquirida sem fraude (dos quais, Plutarco considera que uma boa saúde é o bem mais divino e, de longe, o mais agradável condimento da vida inteira) – bem o conheceis, repito, pois, do zelo, da firmeza de espírito e da integridade na governação com que sempre administrastes a República, são testemunhas as vossas vastíssimas e sobretudo dilatadas fronteiras, são testemunhas a quantidade e a afluência de pessoas vindas das mais remotas províncias para esta cidade, como se para uma exposição de toda a Germânia. Também eu, levado pelos seus louvores, me inflamei, há muito tempo, com tão grande desejo de viver junto de vós e de vos servir, que não escolhi outra cidade para viver senão esta.

Com efeito, para passar em silêncio os mercadores, que todos sabem com quão grandes privilégios e garantias dos seus haveres residem junto de vós, que direi daqueles que consagraram a sua vida à contemplação das coisas e aos estudos? Esses refugiam-se nesta República como se no mais venerável abrigo de todo o orbe, onde desenvolvem os seus estudos pacífica e tranquilamente. E enquanto, noutros sítios, prevalece a desordem, junto de vós, eles ensinam os bosques a ressoar “formosa Amarílis!”, ou seja, com espírito tranquilo, debatem sobre a sabedoria, filosofam, e comunicam com os mais eruditos e sábios varões, dos quais a República de Hamburgo nutre um enorme número, e dos quais, acima de tudo, se encontram

também muitos nesta Vossa notabilíssima Ordem Senatorial, extraordinariamente dotados não apenas de sabedoria e de conhecimento de inúmeras matérias mas também de uma vasta erudição.

Incríveis Varões de tão grande sabedoria e virtude! Perseverai a fazer o que sempre fazeis e guarnecei a florentíssima e opulentíssima República com este triplo nó, que, como se diz, não se desata facilmente: com os bens da fortuna, com a justiça e com as letras.

Contudo, porque estas coisas brilham menos sem a integridade da saúde, e eu vejo que ela está em perigo, e constato que muitos morrem nesta cidade enquanto grassa esta calamidade contagiosa, e que o mal grassa mais e mais a cada dia que passa, e que as pessoas ainda não perceberam bem se é uma peste ou se é uma enfermidade de outro tipo, entendi que era meu dever, isto é, que fazia parte do meu amor e respeito para com a República, e pensei ainda que haveria de ganhar o reconhecimento, o Vosso e o de toda a República de Hamburgo, se examinasse com mais cuidado esta situação, pusesse por escrito aquilo que nela se deve fazer, de acordo com o que observei noutras regiões e comprovei muitas vezes com experiência constante, e abrisse caminho por onde os costumes que se praticam noutros lugares, em calamidades semelhantes, tanto quanto o hábito germânico o permitisse, pudessem ser ajustados e adaptados também a esta República.

É verdade que há, nesta cidade, varões sapientíssimos e aprimoradamente versados na arte médica, que, com os seus muito eruditos e salutareos conselhos, podem ajudar a República, e, por isso, esta nossa obra poderá parecer menos necessária. Considerei, no entanto, que também Vos devia ser oferecida alguma coisa sobre esta matéria, não tanto por dela terdes falta, mas porque desejava que a minha afeição e o meu respeito para convosco e para com o Magistrado fossem conhecidos e testemunhados. Espero que Vós, muito distintos e esplêndidos Varões, considereis esta oferta boa e justa. Não duvido, com efeito, de que agradará a Deus Todo-Poderoso, visto que, para Ele, nada é mais grato do que consagrarmos a nossa vida integralmente ao bem comum. Foi por esta razão, pois, que, como diz Crisóstomo, nos ornamentou Deus com a razão e com a eloquência, e nos concedeu a inteligência e o engenho, as mãos, os pés e as forças do corpo: para que, com todos estes recursos, nos protegêssemos a nós próprios e ao próximo. Mas pensei que o devia fazer com mais diligência ainda porque, como se costuma dizer, avisa em vão quem tarde avisa. As palavras que disser, espero que sejam ditas para glória de Deus e para proveito da República. Espero e confio que se compreenda que provieram deste zelo e que foram escritas para este fim. Que Deus Todo-Poderoso guarde



incólume, por muito tempo, a Vossa posição, e, com a maior clemência, afaste desta República a enfermidade pestilente.

Impresso em Hamburgo, no ano de 1596, a 6 de Novembro.

À Vossa Amplitude e Prestância oferece, inteiramente devotado, Rodrigo de Castro.